

CIRCULAÇÃO DO CAPITAL NA CEASA DE CAMPO GRANDE - MS: ANÁLISE DO COMÉRCIO DE ABACAXIS

CIRCULATION OF CAPITAL IN CEASA FROM CAMPO GRANDE - MS: ANALYSIS OF THE PINEAPPLE TRADE

Johny Ferreira dos Santos¹
Airton Aredes²

Resumo: Este artigo tem por objetivo analisar o processo de comércio de abacaxis na Central de Abastecimento S.A. de Mato Grosso do Sul (CEASA/MS), sediada na capital Campo Grande, como um dos produtos que contribuem para a circulação do capital nessa empresa de economia mista e nos espaços de produção e circulação. Para isso, dentre outras fontes, utilizamos bibliografias relativas ao tema que trata da circulação, transporte e logística, sobre o abacaxi, assim como obtenção de dados junto à CEASA/MS, além de trabalhos de campo, como entrevistas com 2 produtores, 24 trabalhadores rurais, 10 trabalhadores da CEASA e 3 comerciantes locais que atuam na referida empresa. Quanto aos resultados, foi possível perceber que desde a colheita da fruta no campo até o seu comércio na referida central de abastecimento, há uma dinâmica própria da circulação de capital que esse tipo de transação proporciona, já que a central de abastecimento de Campo Grande é a única do estado, polarizando a maior parte das negociações, e, acaba por beneficiar o salário dos envolvidos, pois permite à maioria dos trabalhadores de classe social menos favorecida desde o sustento familiar até a possibilidade de ascensão social. Ao final da pesquisa constatamos também que a produção de abacaxis no estado de Mato Grosso do Sul ainda é baixa se comparada ao fluxo comercializado na CEASA/MS, uma vez que a maior parte dos frutos são oriundos de outros estados, ficando assim sem parte dos benefícios da circulação de capital que esse tipo de comércio oportuniza.

Palavras-chave: CEASA. Transportes. Abacaxi. Circulação. Comércio.

Abstract: This article aims to analyze the pineapple trade process in S.A. Supply Center of *Mato Grosso do Sul* (CEASA/MS), headquartered in the capital of *Campo Grande*, as one of the products that contribute to the circulation of capital in this mixed economy company and in the production and circulation spaces. For this, among other sources, we use bibliographies related to the theme that deals with circulation, transportation and logistics, on pineapple, as well as obtaining data from CEASA/MS, in addition to field work, interviews with 2 producers, 24 rural workers, 10 workers CEASA and three local merchants who work in that company. Regarding the results, it was possible to notice that from the harvest of the fruit in the field until its trade in the mentioned supply center, there is a dynamic of the circulation of capital that this type of transaction provides, since the *Campo Grande* supply center is the only one in the state, polarizing most of the negotiations, and ends up benefiting the salaries of those involved, Since it allows the majority of the workers of less privileged social class from the family sustenance until the possibility of social ascension. At the end of the survey also found that the pineapple production in the state of *Mato Grosso do Sul* is still low

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) Unidade Universitária de Campo Grande – MS.

² Professor Doutor dos Cursos de Geografia Licenciatura e Bacharelado em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Unidade Universitária de Campo Grande – MS.

compared to the flow marketed in CEASA/MS, since most of the fruits are from other states, thus becoming without part of the benefits of the capital movement that this type of trade offers.

Keywords: CEASA. Transport. Pineapple. Circulation. Trade.

Introdução

Atualmente o Brasil produz em torno de 40 milhões de toneladas de frutas, caracterizando-se entre os principais produtores mundiais, segundo o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE – (2016), gerando emprego para cerca de 5,6 milhões de pessoas. De acordo com SEBRAE (2015) a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura – *Food and Agriculture Organization of the United Nations* – (FAO), constatou que o país produziu por volta de 38 milhões de toneladas em 2012³, ficando atrás apenas da China e Índia com 137 milhões e 71 milhões de toneladas produzidas, respectivamente. Porém, mesmo com o aumento da produção nacional de frutas, foi notado que a maior parte dos brasileiros ainda consome menos do que o recomendado pelo relatório da Organização Mundial da Saúde (OMS) – *World Health Organization* – (2002) que é a ingestão diária em média de 400g de frutas e hortaliças. Conforme ainda dados do SEBRAE (2015) estudos realizados em 2011 pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) afirmam que as classes sociais A e B ingerem 50kg de hortifrúteis por ano, enquanto que as classes C e D consomem 32kg e 17kg, nessa ordem.

Na capital de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, a remuneração média dos trabalhadores atualmente está entre 1 e 3 salários mínimos, abrangendo em torno de 65% da população economicamente ativa, segundo dados do Perfil Socioeconômico de Campo Grande (PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE, 2014), caracterizando-se num grande e promissor mercado consumidor de frutas e hortaliças, uma vez que essa porcentagem compõe mais da metade dos consumidores campo-grandenses.

Este artigo tem por objetivo analisar o processo de comércio de abacaxis na Central de Abastecimento S.A. de Mato Grosso do Sul (CEASA/MS), sediada na capital Campo Grande, como um dos produtos que contribuem para a circulação do capital nessa empresa de economia mista e nos espaços de produção e circulação. A justificativa para a pesquisa em

³Segundo o SEBRAE, estima-se que no ano de 2015 a produção brasileira de frutas foi de 40 milhões de toneladas, um aumento de 5,2% em relação a 2012.

questão foi a percepção que tivemos durante anos sobre o quanto o comércio de frutas na cidade de Campo Grande proporcionou a alguns cidadãos, desde uma simples possibilidade de se manter as necessidades básicas de uma família até a ascensão de classe social.

Tal percepção foi resultante da observação de que membros familiares vindos principalmente do estado de Minas Gerais conseguiram ascender em poucos anos da classe social⁴ “E” até a classe “B”, lembrando que para a Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2014) essa última classe teria um ganho familiar superior a 10 salários mínimos. Baseado no quanto o capital domina as relações sociais e o território, com exceção, sem levar em conta *status* social ou de formação educacional, pois muitos desses imigrantes comerciantes inclusive nem possuem o ensino fundamental escolar completo, Lefebvre (2000) deixa claro sobre a dimensão da influência do capital:

Hoje em dia poucas pessoas recusariam admitir “a influência” de capitais e do capitalismo nas questões práticas concernentes ao espaço, da construção de imóveis à repartição de investimentos e à divisão do trabalho no planeta inteiro. Porém, o que entendem por “capitalismo” e por “influência”? Para uns, representam “o dinheiro” e suas capacidades de intervenção, ou a troca comercial, a mercadoria e sua generalidade, posto que “tudo” se compra e se vende. (LEFEBVRE, 2000, p.28)

Entendemos que o crescimento do lucro dos cidadãos observados foi principalmente influenciado pelo comércio de abacaxis, uma vez que a cidade produtora, de onde esses imigrantes são oriundos, está entre os 50 municípios brasileiros que mais produzem frutas, isto, segundo dados da Produção Agrícola Municipal (BRASIL, 2013), apresentando a cidade de Frutal, em Minas Gerais, responsável por 0,8% da produção nacional, tendo relevante tradição também na produção de abacaxis.

Atualmente o principal entreposto de comércio de produtos hortifrutigranjeiros e outros perecíveis do estado de Mato Grosso do Sul é a Central de Abastecimento S.A. (CEASA), localizado na cidade de Campo Grande, polarizando uma notável parte desse tipo de transação na porção central do estado. Dessa forma, a elegemos como o recorte espacial para nossa análise, assim como o município de Frutal (MG) que é um dos principais fornecedores de abacaxis para a CEASA.

As centrais de abastecimento foram criadas no território nacional na década de 1970 pelo Decreto Federal nº 70.502, instituindo o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC). Mesmo com a inauguração da CEASA de Campo Grande ocorrendo no ano de

⁴ As classes sociais são grupos de pessoas que possuem características comuns pelo viés econômico. A FGV as define pelo rendimento familiar per capita, sendo expressos em Reais (R\$) de janeiro de 2014 (FGV, 2014).

1979, optamos pelo recorte temporal do ano de 2012 até o presente momento, pois, foi a partir daí, com base em informações empíricas, que se inicia o comércio de abacaxis provenientes do município de Frutal (MG). É necessário compreendermos também, que devido ao intenso comércio de produtos de origem vegetal fazerem parte das atividades da CEASA, e, por se tratar de negociações dentro do perímetro urbano campo-grandense, elegemos então a comercialização de abacaxis como nosso recorte temático, visto que surge de uma percepção da circulação do capital comercial dentro de tal estabelecimento.

Diante desse contexto, estruturamos o presente artigo, de caráter analítico e quantitativo, em duas partes: a primeira demonstrando o histórico e produção do abacaxi, descrevendo desde a colheita e o transporte empregado até a chegada na CEASA de Campo Grande, utilizando a metodologia de trabalho de campo, onde percorremos algumas lavouras de abacaxis no município de Frutal (MG), a fim de ficar à par dos processos de colheita e transporte dos frutos. Também foi realizada entrevista com um dos principais produtores dessa fruta naquele município, além de levantamento de bibliografia relativa ao tema, dentre outras que na Geografia tratarão sobre a circulação, transporte e logística. A segunda parte trata-se de um histórico da criação da Central de Abastecimento de Mato Grosso do Sul bem como do relato da dinâmica do comércio do abacaxi nesse estabelecimento. Em nossas considerações finais descrevemos então um panorama sobre os principais resultados da pesquisa a partir da percepção da circulação do capital que envolve o comércio de abacaxis na CEASA de Campo Grande.

Características do comércio de abacaxis, do campo à cidade: análise histórica e geográfica

O abacaxizeiro (*Ananas comosus* (L.) Merrill), teve origem no centro da América do Sul, mais precisamente na porção que abrange as bacias dos rios Paraguai e Paraná, (atual estado do Mato Grosso do Sul). Dessa forma, foi sendo reproduzido e continuamente espalhado pelas comunidades indígenas pré-colombianas até partes da América Central e Caribe, que por sua vez, a planta e o fruto foram sendo disseminados na Europa e pelo restante do globo após o descobrimento do Novo Mundo por Cristóvão Colombo (BERTONI, 1919 *apud* CRESTANI et al., 2010).

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

O abacaxizeiro (Figura 1) é uma planta de clima tropical da família *Bromeliaceae*, contendo cerca de 50 gêneros e mais de 2 mil espécies conhecidas, indo muito além da utilização como alimento, podendo ser útil como valor ornamental e até na confecção de materiais rústicos como sacarias, dado a boa qualidade de suas fibras (COLLINS, 1960; CUNHA e CABRAL, 1999 apud SOUZA e REINHARDT, 2009). A formação de frutos com alto grau de qualidade tem estreita relação ao tipo de temperatura, sendo muito boa entre 22 e 32 °C, não podendo exceder a amplitude térmica diária de 8 a 14 °C, correndo o risco de alteração do tamanho dos frutos e perda da quantidade produzida por área, estando vinculado também seu sabor para mais, ou menos ácido. Dado suas características propícias ao clima tropical, o abacaxi é economicamente viável se produzido nas baixas latitudes, entre os paralelos 25° Sul e 25° Norte, é resistente à seca, porém, podem ocorrer doenças relacionadas ao fungo se a umidade relativa do ar ultrapassar os 85% rotineiramente (SOUZA e REINHARDT, 2009).

Figura 1 – O Abacaxizeiro



Fonte: Deluzio, Franklin (2017)

O abacaxi é formado por um conglomerado de centenas de pequenos frutos (olho ou escama do abacaxi) que contornam seu eixo fundindo-se, dando o formato visual de um único fruto, denominado infrutescência, e, formando em sua extremidade superior a coroa (SILVA e TASSARA, 2001). No Brasil, as variedades para o comércio mais comuns do abacaxi são a *Smooth Cayenne*, (popularmente conhecida como Havaí ou Ananás), pois mantém um padrão internacional sendo que a maior porcentagem é processada pelas indústrias, pesando em média de 1,5 a 2,0kg, tendo polpa resistente e amarelada, com alto teor de acidez e açúcares.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Outra variedade também muito comum para o mercado interno é o Pérola, apresentando frutos menores que a anterior, em média entre 1,0 e 1,5kg, polpa branca (cor de pérola, daí seu nome) mas, com elevado teor de açúcar e baixa acidez, sendo muito consumida *in natura* (CTENAS & QUAST, 2000; NASCENTE et al. 2005; CUNHA, 2007 *apud* CRESTANI et al. 2010).

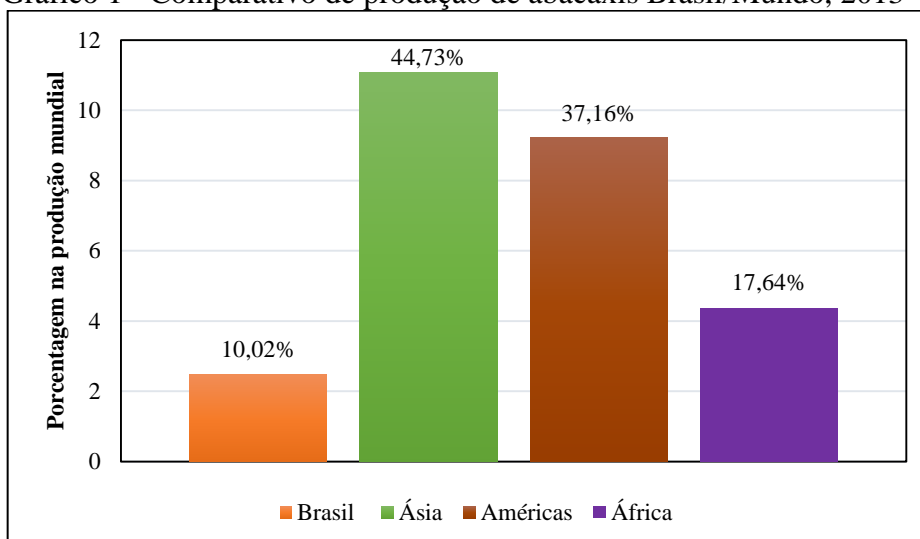
Para se produzir o fruto do abacaxizeiro comercialmente, não é possível a utilização de sementes, pois são comumente abortadas no processo de desenvolvimento da planta, porém utiliza-se a reprodução por propagação vegetativa, ou seja, por meio de diversos elementos que a planta adulta fornece, como por exemplo, a utilização de mudas que são brotações que aparecem tanto na base da haste que sustentam o fruto quanto através da coroa, que surge no topo do abacaxi (CRESTANI, et al. 2010), sendo que o processo mais comum observado nas lavouras é a utilização de mudas, obtendo a primeira colheita entre 14 e 18 meses após o plantio.

A produção do abacaxi

Segundo dados da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2016) a produção mundial de abacaxis⁵ foi de pouco mais de 24,778 milhões de toneladas em 2013, sendo que nesse mesmo ano o Brasil produziu 2,483 milhões de toneladas, ficando responsável por 10,02% da produção mundial e 26,96% do total registrado para o continente Americano, conforme o gráfico 1.

⁵ A Oceania e a Europa são continentes com menor expressão na produção de abacaxis, representando 0,43% a nível mundial (com 104.997 toneladas e 3.457 toneladas, respectivamente) para o total registrado em 2013.

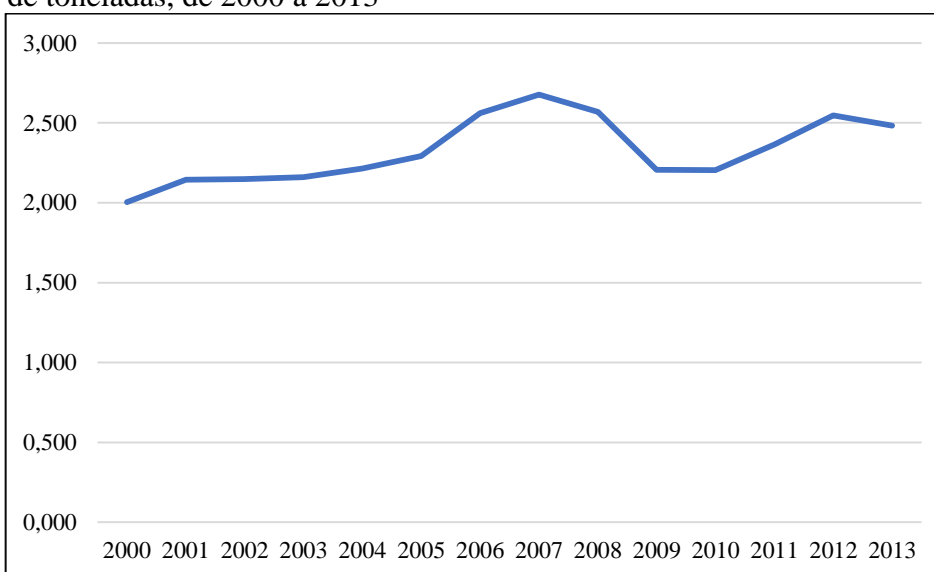
Gráfico 1 - Comparativo de produção de abacaxis Brasil/Mundo, 2013



Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2016).
Organização: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

De acordo com Souza, Cardoso e Torres Filho (1999) grande parte da produção no mundo é destinada ao consumo de produtos processados, sendo que 25% do total vão para o comércio de frutas frescas. Ainda segundo os dados comparativos da EMBRAPA (2015) houve um aumento na produção brasileira de cerca de 19,33% entre 2000 e 2013, ou seja, de 2,003 milhões de toneladas para 2,483 respectivamente conforme o gráfico 2.

Gráfico 2 - Evolução da produção brasileira de abacaxis, em milhões de toneladas, de 2000 a 2013



Fonte: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2015).
Organização: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

Além de Mato Grosso do Sul, os principais estados fornecedores de abacaxis para a CEASA de Campo Grande, de acordo com seu setor administrativo, são Minas Gerais e São Paulo. Conforme dados da Produção Agrícola Municipal - Culturas Temporárias e Permanentes - (IBGE, 2013) a produção de abacaxis em Mato Grosso do Sul no ano de 2013 foi de 5.240 mil toneladas, enquanto que para Minas Gerais e São Paulo, foram de 239.565 e 76.277 mil toneladas respectivamente. Dessa forma, Minas Gerais e São Paulo são os principais abastecedores para o comércio dessa fruta na CEASA/MS, dado a proximidade com o estado e a quantidade produzida. Todavia, os estados do Pará e Tocantins também são breves fornecedores no período de entressafras em outras regiões.

A produção observada no município de Frutal (MG) ainda é dependente de grande número de mão de obra, tendo pouca tecnologia empregada nos processos de plantio e colheita, mesmo com as transformações no campo a partir da década de 1970 que possibilitou o país aumentar a produção ao modernizar suas estruturas, de acordo com Silva (1999). Porém, segundo relatos de produtores, ainda é recente o emprego de maquinário no plantio e na colheita de abacaxis, frisando que passaram a conhecer esse tipo de tecnologia no ano de 2015, mas que já está sendo implantada em algumas lavouras da região.

Perfil dos produtores e trabalhadores do campo

Por estar entre os 50 municípios fruticultores do Brasil, representando 0,8% da produção nacional segundo a Produção Agrícola Municipal - Culturas Temporárias e Permanentes - (IBGE, 2013), o município de Frutal, em Minas Gerais, foi escolhido para pesquisa de campo, uma vez que também tem grande tradição na produção de abacaxis, principalmente das qualidades mais conhecidas como Havaí (*Smooth Cayenne*) e o Pérola.

Realizamos entrevistas com um dos principais produtores de abacaxis do município citado, tendo em suas estimativas cerca de 1,5 milhão de plantas com seus frutos estando prontos para a colheita gradual até o final do ano de 2017. Segundo o produtor, a equipe empregada para o carregamento depende da logística necessária e da capacidade de transporte dos caminhões, podendo utilizar seis trabalhadores por caminhão de média capacidade (6 ton.) contendo um eixo na carroceria, popularmente chamado de “toco”, e, oito trabalhadores para o caminhão com dois eixos na carroceria, conhecido por *truck*, podendo transportar cerca

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

de 14 toneladas. Ainda de acordo com o produtor rural e comerciante de abacaxis, na baixa temporada são carregados em média um caminhão *truck* por dia, e, na alta temporada de vendas, que vai de agosto a dezembro (progressivamente dado as festas de final de ano), são feitas até cinco cargas diariamente. Segundo o entrevistado, está previsto para o ano de 2017 o início do plantio de pelo menos 600 mil mudas de abacaxis em sua lavoura localizada no município de Paranaíba, Mato Grosso do Sul.

Dessa forma, também realizamos entrevistas com trabalhadores rurais nas lavouras de abacaxis, sendo possível traçar um breve perfil da mão de obra utilizada. Dos 24 trabalhadores entrevistados que compõe três grupos de cargas com 8 homens cada, sendo 6 para “colhedores” e 2 para “cargueiros”, constatamos que 8 têm de 36 a 45 anos de idade (33,33%), 9 possuem mais de 46 anos (37,5%), e o restante desse total (29,16%) tem de 18 a 35 anos. Para o total de trabalhadores entrevistados, somente 16 afirmaram possuir registro em carteira de trabalho. Há uma diferença salarial entre as funções, ganhando de R\$2.500,00 a R\$3.200,00 para os responsáveis pela elaboração da carga nos caminhões, popularmente conhecidos como “cargueiros”. Os “colhedores” ganham mensalmente em torno de R\$2.100,00, além de horas extras, entre outros rendimentos como gorjetas, por exemplo. Os demais trabalhadores são diaristas, alegando em sua maioria que são oriundos das lavouras de cana-de-açúcar e da construção civil, fazendo “bicos” na baixa temporada de outros serviços. Do total de entrevistados, 75% não concluíram o ensino fundamental escolar, e o restante não chegaram a concluir o ensino médio, de acordo com a tabela 1.

Tabela 1 - Perfil dos 24 trabalhadores do campo

Idade média	Número de trabalhadores	
	18 a 35	
36 a 45		8
mais de 46		9
Carteira de Trabalho	Com registro	16
	Sem registro	8
Escolaridade	Ens. Fund. Incompleto	18
	Ens. Médio Incompleto	6
Proventos	R\$2.500,00 a R\$3.200,00	6
	R\$2.100,00	18

Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Organização: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

Entre os trabalhadores entrevistados, um fato que chama a atenção é a história de alguns deles, afirmando que seu pais eram donos de pequenas propriedades no município de

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

Frutal até o final da década de 1980, mas que tiveram de vender por motivos diversos. Levando-nos a recordar dos escritos de Oliveira (2007), que deixa claro sobre as consequências das relações capitalistas na produção rural quando da destruição do produtor familiar de subsistência: “[...] os camponeses ricos, que seriam os pequenos capitalistas rurais, e os camponeses pobres, que se tornariam trabalhadores assalariados, proletarizar-se-iam, portanto” (OLIVEIRA, 2007, p.09).

Figura 2 - Trabalhadores do campo no carregamento de abacaxis, 2016



Fonte: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

Na figura 2 é possível visualizar parte desses trabalhadores do campo na lavoura de abacaxis. Dois trabalhadores que estão nas margens laterais (no chão) são responsáveis pela colheita e por jogar os frutos aos dois funcionários (que estão em cima da carroceria do caminhão) responsáveis pela montagem da carga. Nesse carregamento especificamente, por se tratar do abacaxi tipo Pérola, que é mais sensível, foram utilizados capim seco e inseridos entre as camadas dos frutos a fim de não amassarem durante o transporte. Foram registrados 9.000 mil frutos, com média de 1,5kg cada um, totalizando 13.500kgs de abacaxis.

A circulação, o transporte e a logística empregada

O comércio em geral e de abacaxis na CEASA de Campo Grande (MS) em específico gera fluxos de capitais e dessa mercadoria. As mercadorias e o capital circulam e promovem transformações no território.

De acordo com Silva Junior (2011), para que a Geografia se institucionalizasse definitivamente no século XIX, ganhando o *status* de ciência, baseou-se no positivismo, que tinha seus alicerces tanto na Medicina quanto na Biologia. O termo circulação na Geografia tem como forma didática esclarecer sobre algo que é dinâmico, remetendo a fisiologia da circulação sanguínea, o que foi muito utilizado por cientistas no passado a fim de se obter “legitimidade [...] frente à sociedade”.

O comércio de longa distância, a expansão das feiras e das rotas comerciais, o êxito das ligas de comércio (como, por exemplo, a Liga Hanseática), a criação de um sistema de crédito e o aumento da circulação monetária entre os séculos XIII e XVII proporcionaram o alicerce para o desenvolvimento de novas práticas econômicas que culminaria com a industrialização e a urbanização dos séculos XVIII e XIX, dois dos principais sedimentos do capitalismo atual. Mais movimento conduz a mais mudanças espaciais (por extensão, mudanças sociais, econômicas e políticas) (SILVA JUNIOR, 2011, p.46).

Para diminuir o movimento circulatório do capital, ou seja, para que o capitalista diminua o tempo para a integralização de seu lucro, a circulação das mercadorias ganha novas formas de se realizar no território, de forma a diminuir tempo e custos dessa circulação. Para Silveira (2011), a circulação também é ampla e vinculada ao capital, englobando as técnicas de transportes, suprimentos, produção e distribuição, caracterizando-se na logística empregada. Dessa forma, segundo o autor, a circulação influencia nas relações sociais, possibilitando a conexão do “homem com o meio” tendo por objetivo maior, o desenvolvimento.

A circulação em uma forma mais totalizadora, capaz de conectar, através das relações sociais, o homem com o meio, sendo a ação fundamental do movimento rumo ao desenvolvimento. A circulação deixa de forma explícita sua marca no espaço geográfico (técnicas, ações e normas em perfeitas combinações) e, para isso, tem, como atributos menores, os transportes e a logística; (SILVEIRA, 2011, p.14)

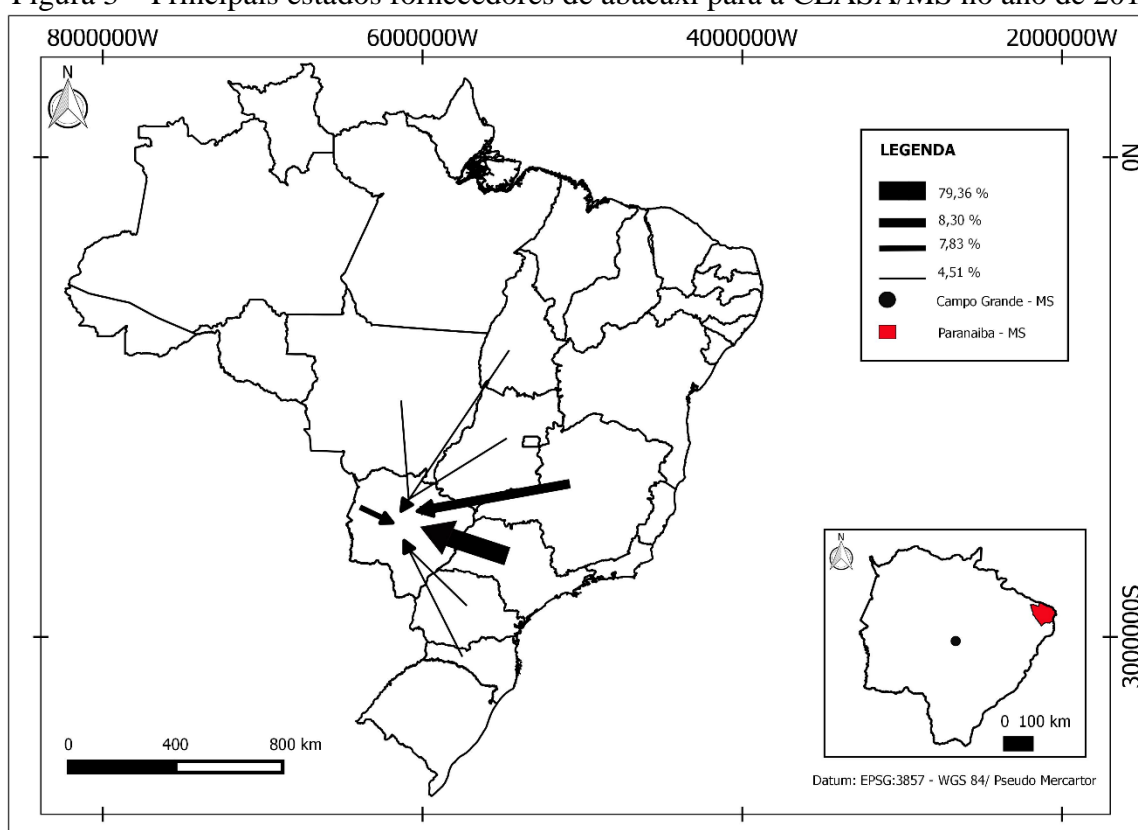
O caso do comércio de abacaxis, assim como outros tipos específicos de frutas, tem estratégias próprias de sua natureza, pois, na maioria das vezes os comerciantes preferem realizar o transporte no período noturno, visto que a temperatura mais amena do ambiente refrigera melhor os frutos e diminui o desgaste dos pneus. Esse tipo de logística visa a maximização dos lucros uma vez que a médio e longo prazo o sistema de transporte, no caso

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

caminhões, diminuiria o número de vezes parados para manutenções, podendo manter por mais tempo o fluxo comercial sem grandes alterações. Por outro lado, o transporte noturno também é negativo para a saúde dos trabalhadores, período esse em que muitos usam medicamentos ilegais para se manter acordados.

Podemos vislumbrar que a CEASA/MS é o ponto de chegada de pelo menos três origens principais (Figura 3) no caso do comércio de abacaxis, ou seja, o produto é proveniente dos estados de São Paulo, Minas Gerais e de outras cidades do interior de Mato Grosso do Sul.

Figura 3 – Principais estados fornecedores de abacaxi para a CEASA/MS no ano de 2015



Fonte: Dados da pesquisa (2016)
 Organização: Feitoza, Joelmir Silva (2017)

Por isso remete as noções de circulação na Geografia, pois, devido aos processos que vai desde a produção dos frutos até a venda na CEASA, envolvem uma gama de suprimentos tais como defensivos agrícolas, combustível, manutenções periódicas nos meios de transporte, mão de obra, entre outros.

De acordo com dados da administração da CEASA/MS, em 2015 foram registrados um volume comercializado de abacaxis de 6,136 mil toneladas, sendo que 78,97% é para o

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

tipo Havaí e 21,03% para o Pérola. Conforme a figura 3, para o total negociado, o estado de São Paulo contribuiu com 79,36%, Minas Gerais com 8,30%, Mato Grosso do Sul com 7,83% e os demais estados como Goiás, Paraná, Tocantins, Mato Grosso e Santa Catarina fecharam o total com 4,51%. Considerando a previsão de plantio de 600 mil mudas no município de Paranaíba em 2017 e a média de 1,3kg por fruta, a projeção de produção de abacaxis até o primeiro semestre de 2019 será de até 780 toneladas.

Por meio de entrevistas realizadas na CEASA/MS, constatamos que há vários pequenos comerciantes de abacaxis (que revendem, comprando dentro do próprio estabelecimento), mas dado a periodicidade e a quantidade de cargas semanais, destacaremos três principais. O comerciante “1” atua na chamada “pedra” (varejista) da CEASA, e, também é produtor rural, colhendo seus frutos na porção central do estado de Mato Grosso do Sul, comercializando o abacaxi tipo Havaí (*Smooth Cayenne*). Os outros dois comerciantes são proprietários de boxes (atacadista), sendo que o de número “2” compra frutos no estado de São Paulo, principalmente da região do município de Guaraçaí, vendendo também o tipo Havaí, e o número “3” adquire abacaxis no município de Frutal, em Minas Gerais, comercializando o tipo Pérola. Os comerciantes “1” e “2” possuem de 45 a 60 anos de idade, o de n° “3” tem 30 anos, todos possuem em comum o ensino fundamental escolar incompleto.

O tipo de veículo utilizado no transporte do produto de nossa análise também é relevante, pois influencia nos processos de circulação do capital e nas tomadas de decisões quanto à logística empregada:

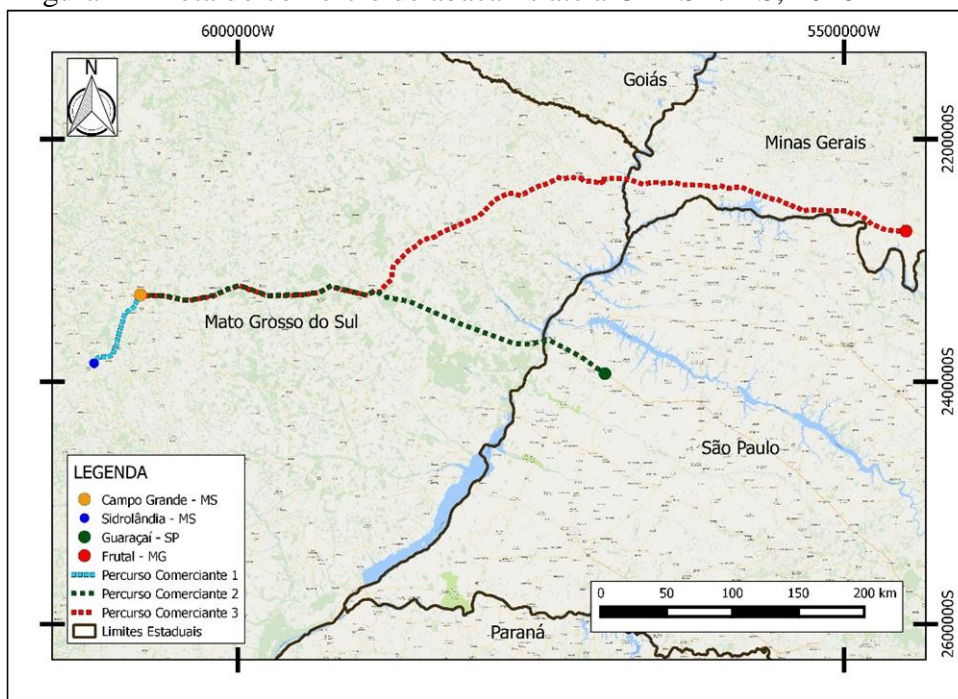
[...] O conhecimento dos sistemas de transportes faz frente, por conseguinte, às necessidades de deslocamentos, de intercâmbios e das relações dos homens, das suas mercadorias e das informações em um espaço dado e independente de qual for a escala, inclusive, a escala do indivíduo. (SILVEIRA, 2011, p.24)

O transporte de abacaxis observados na Figura 4 é realizado pela via rodoviária por meio de caminhões (*truck*) pelos comerciantes “2” e “3” e por veículo de menor capacidade (cerca de 3.800kg) pelo número “1”. Esse último utiliza as vias de acesso à cidade de Campo Grande pela BR-060, já que sua lavoura se concentra no município de Sidrolândia (MS), percorrendo em torno de 79 km. O comerciante n° “2” utiliza a BR-262, com origem no município de Guaraçaí (SP), passando pelos municípios de Andradina (SP), Três Lagoas (MS), Água Clara (MS) e Ribas do Rio Pardo (MS), totalizando em torno de 400 km. O comerciante n° “3” possui um trajeto maior, totalizando cerca de 660 km desde o município

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

de Frutal (MG) até a CEASA/MS, passando pelas rodovias MG-255, BR-497, MS-240, MS-377 e BR-262, cruzando em seu percurso por cinco municípios mineiros e cinco sul-matogrossenses.

Figura 4 – Rota do comércio de abacaxis até a CEASA/MS, 2016



Na figura 5 é possível visualizarmos um dos principais meios de transportes utilizados no deslocamento de produtos desde a lavoura até a Central de Abastecimento. O caminhão tipo “truck” pode transportar cerca de 14 toneladas, muito utilizado na condução de cargas médias e de longa distância.

Figura 5 – Caminhão tipo *truck* com dois eixos na carroceria, 2016

Fonte: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

De acordo com a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), em seu Sistema de Levantamento de Preços (2016), o óleo diesel para o município de Campo Grande teve valor médio por litro de R\$3,252 entre o período de 20 a 26 de novembro de 2016. Com isso, baseado no consumo médio de um caminhão tipo *truck*, que é de 1 litro de óleo diesel por 3,5 quilômetros rodados, e no número médio de viagens, que são de 22 por mês, apenas os comerciantes n° “2” e “3” (como apresenta a tabela 2) renderam aos postos de combustíveis das regiões mencionadas anteriormente, em torno de R\$231.000,00 nos últimos doze meses (contando o trajeto de ida e volta), isso, além das manutenções periódicas e preventivas tais como mecânica e pneus. Baseado nesses dados, ainda recordamos de Silveira (2011, p.14), que ressalta sobre a necessidade de se analisar a circulação do capital “como um sistema que produz e reproduz espaço e que necessita de movimento para isso”.

Tabela 2: Dados dos meios de transporte e seus gastos em combustível no ano de 2015

Comerciantes	Lotação máxima do meio de transporte	Quilometragem média por 1 lt de combustível	Média de quilometragem percorrida em 2015	Média dos gastos de combustível em 2015
1	3.800 kg	7 km	7.584	R\$3.523,30
2	14.000 kg	3,5 km	153.600	R\$142.716,34
3	14.000 kg	3,5 km	95.040	R\$88.305,73
Total			256.224	R\$234.545,37

Fonte: Dados da pesquisa (2015)

Organização: Santos, Johny Ferreira dos (2017)

Essa dinâmica comercial leva-nos a compreender melhor sobre a circulação do capital, uma vez que ao atentarmos ainda sobre as dezenas de veículos de transportes de cargas que acessam a CEASA/MS por dia, acabam por ajudar no desenvolvimento econômico, possibilitando também o aumento do número de empregos nos setores envolvidos. Contudo, há disparidades, não sendo homogêneo esse tipo de progresso em todas as regiões dos municípios transitados, principalmente entre Paranaíba (MS) e Água Clara (MS), onde se pode percorrer cerca de 200km sem encontrar um posto de combustível ativo, por exemplo. Dessa forma lembramos sobre a circulação do capital na fase de ampliação capitalista, que é exigente de lucro cada vez maior, onde acaba preferindo certas localizações em detrimento de outras (SANTOS, 2002).

O comércio na Central De Abastecimento S.A. (CEASA) de Campo Grande-MS: a história da CEASA

No Brasil, a partir do início do século XX iniciou-se o processo de urbanização, intensificando-se na década de 1950 incentivado por programas de industrialização do país através dos governos de Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2007) o país se tornou predominantemente urbanizado no decorrer da década de 1970, quando o percentual da população urbana já era de 56%.

Com o crescimento populacional nas áreas urbanas nesse período, notou-se a necessidade de se organizar o comércio de produtos hortifrutigranjeiros nos grandes centros. O Governo Federal então cria em 1970 o Programa Estratégico de Desenvolvimento concomitante com o I Plano de Desenvolvimento (1972/74), estabelecendo diretrizes que

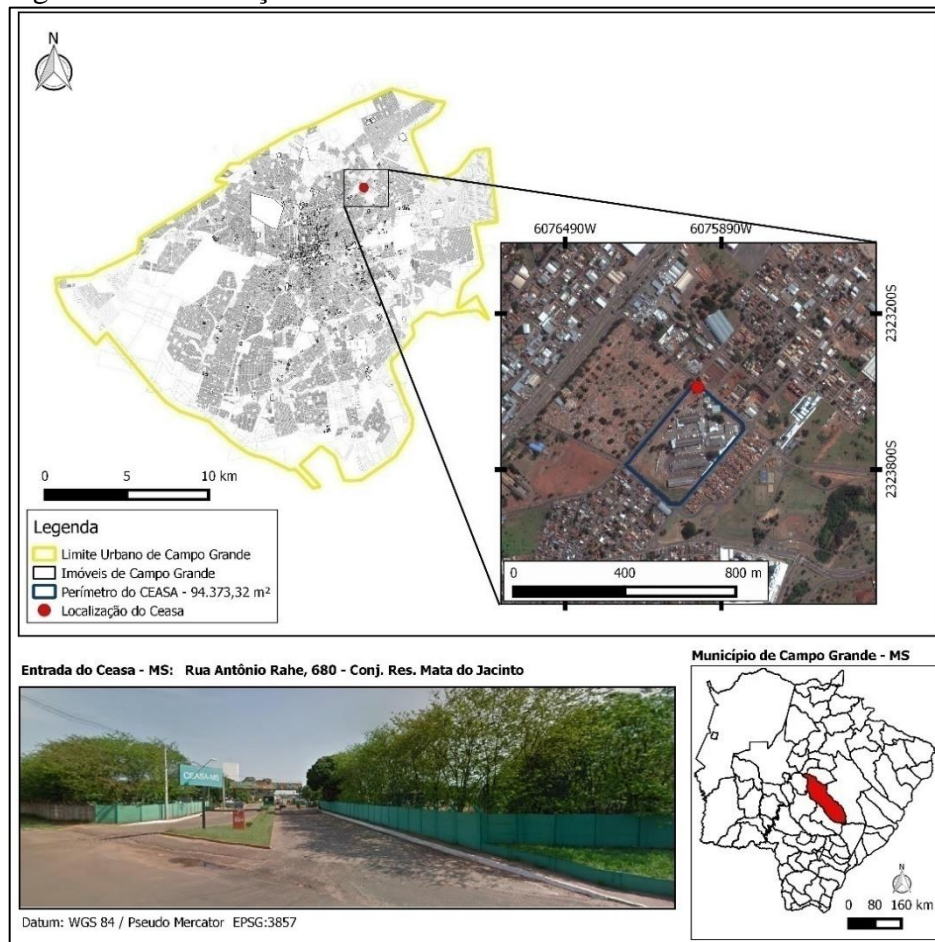
<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

culminaram na criação das Centrais de Abastecimento S.A. (CEASA) de produtos hortifrutigranjeiros, pescados bem como outros perecíveis. As Centrais de Abastecimento S.A. passaram a constituir o Sistema Nacional de Centrais de Abastecimento (SINAC), através do Decreto Federal 70.502 de 11 de maio de 1972, que por sua vez foram gerenciados pela Companhia Brasileira de Alimentos (COBAL), atual Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), e, posteriormente com a descentralização, as Centrais de Abastecimentos S.A. foram transferidas aos estados, distrito federal e municípios, conforme disposição em seus domínios.

A CEASA de Mato Grosso do Sul, sediada na capital Campo Grande, foi inaugurada em 5 de julho de 1979. Atualmente é uma empresa de economia mista, vinculada a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (AGRAER), sendo que um de seus principais ganhos vem do aluguel das áreas destinadas ao comércio atacadista e varejista. De acordo com dados de seu sítio eletrônico governamental, até o final o mês de novembro de 2016 foram comercializadas mais de 148 mil toneladas de alimentos, sendo que desse total, 84,17% dos produtos são importados de outros estados, e, 45% são representados pelo comércio de frutas nacionais. A CEASA/MS possui na atualidade 18.417 m² de área para o comércio, distribuídos em 47 “boxes” atacadistas e 180 “pedras” onde atuam comerciantes varejistas, além de local administrativo e estacionamentos. Possui ainda fluxo médio de 1.500 pessoas por dia e cerca de 1.000 veículos circulando diariamente em seu recinto (MATO GROSSO DO SUL, 2016).

Com portões abertos ao público consumidor a partir das 04:00hs da manhã em todos os dias da semana, a CEASA/MS tem intenso fluxo de compradores principalmente nas madrugadas de terças e sextas-feiras, uma vez que muitos comerciantes, inclusive de supermercados de outras cidades também comparecem a fim de renovarem seus estoques de hortifrúti, polarizando grande parte desse tipo de comércio na porção central do estado, visto que é a única Central de Abastecimento do governo sul mato-grossense no momento. Na figura 6 é possível observarmos na parte inferior direita o mapa do estado de Mato Grosso do Sul com destaque em vermelho para o município de Campo Grande. Na parcela esquerda dessa figura há uma fotografia da entrada da CEASA/MS. Na porção superior está o mapa urbano da cidade de Campo Grande com destaque para o perímetro da Central de Abastecimento S.A.

Figura 6 – Localização da CEASA/MS



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Organização: Feitoza, Joelmir Silva (2016)

Santos (2006) afirma que nas relações entre a sociedade e a natureza, cada vez mais o natural é modificado pelo que é artificial e que esse último se torna ainda mais instrumentalizado pela sociedade. Num mundo cada vez mais globalizado concomitantemente com o crescimento populacional, haverá continuamente necessidade de se organizar num dado ponto do espaço geográfico, estruturas facilitadoras à captação, distribuição e comercialização de produtos alimentícios, principalmente de alimentos que necessitam de uma rápida circulação, que é o caso dos hortifrutigranjeiros e outros perecíveis, dado ao tempo de validade dos mesmos.

Ao modificar o natural através da artificialidade, o homem acaba por transformar o espaço geográfico. Desde o surgimento do capitalismo e suas contínuas transformações com o intuito de acumulação de riquezas, esse é o responsável por transformar a natureza através das técnicas desenvolvidas e empregadas no decorrer do tempo. Seja através de estruturas

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

mais antigas como um celeiro, por exemplo, a fim de estocar o excedente da produção do campo, até as complexas estruturas comerciais como uma CEASA, onde indireta ou diretamente envolverá outras modificações no espaço geográfico, lembramos Silva Júnior (2011, p.46), pois, “Mais movimento conduz a mais mudanças espaciais [...]”, como a criação de estruturas rodoviárias e a ampliação e melhoramento das mesmas conforme vão sendo cada vez mais intensamente utilizadas.

O comércio de abacaxis na CEASA/MS

O Comércio de abacaxis, objeto dessa pesquisa, assim como outras mercadorias, necessita de organização na produção e distribuição até o consumo final. A diminuição dos custos atrelada a maior agilidade nos processos envolve uma noção muito importante no atual estágio do capitalismo: a logística.

Silveira (2011) explica sobre a história da logística como sendo inicialmente fruto das palavras em grego “*logistikós*” e do latim “*logisticus*”, ambas tendo relação com a lógica aritmética. Todavia ainda afirma que o entendimento da expressão como a conhecemos atualmente vem da França por volta da década de 1870, que era “para expressar a parte da arte militar referente ao planejamento de transporte e ao alojamento (do francês *Loger* que significa ‘alojar’) de suprimentos e das tropas em batalha” (SILVEIRA, 2011, p.31). O conceito foi sendo aprimorado com o passar do tempo, inclusive através de universidades estadunidenses e teve excelente aceitação por parte do mundo dos negócios, pois auxiliava no desenvolvimento das estratégias na conquista de novos mercados, e, conseqüentemente na ampliação da circulação do capital comercial.

De forma generalista a logística pretende oferecer ao sistema capitalista cada vez um maior rendimento ao mesmo tempo que os custos das operações comerciais são reduzidos:

As ‘estratégias logísticas diferenciadas’ contribuem para uma maior otimização capaz de aprimorar e de gerar novas formas de diminuição de custos e de aumento da rentabilidade a ponto de serem basilares para o atual estágio do sistema de regulação flexível (toyotista e pós-fordista) e dos ditames auferidos pelo neoliberalismo. (SILVEIRA, 2011, p.38)

Dessa forma, as estratégias para a logística do comércio de abacaxis na CEASA de Campo Grande também agem com o mesmo propósito, porém de maneira mais simples e num menor grau se comparado as grandes empresas, uma vez que o comerciante pode

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

desempenhar papéis variados. O comerciante número “1”, por exemplo ao mesmo tempo que é responsável pela produção dos frutos também é o transportador e vendedor ao consumidor final, vendendo de forma varejista. Já o comerciante n° “3” adquire abacaxis de produtores de Minas Gerais sendo também ao mesmo tempo motorista e vendedor quando as frutas chegam na CEASA. De acordo com informações do comerciante n° “2”, trabalha apenas com a venda de abacaxis, porém é o que comercializa o maior volume semanal, sendo de 3 a 5 caminhões *truck* por semana (cerca de 42 a 70 mil quilos), revendendo para diversos mercados atacadistas e varejistas do estado, sendo o principal responsável pela estratégia de seus negócios.

Foi observado que as cargas de abacaxis podem chegar na CEASA já acomodadas em caixas de madeira e dependendo de seu tamanho podem variar de 8 a 12 unidades por caixa, principalmente do tipo Havaí. Nos caminhões que fazem o transporte à granel, após a chegada é necessário transferir os frutos a essas caixas, porém de acordo com os comerciantes, há uma diferença entre esses dois processos, uma vez que ao serem transportados unitariamente o volume é maior e exige mais trabalhadores. Todos os três comerciantes utilizam caixas de madeira realizando a compra dentro da própria CEASA e acondicionando em locais próprios para tal.

A partir do momento em que as portas da CEASA/MS abrem ao público, há dezenas de vendedores posicionados nos diversos “boxes” (atacadistas) e nas “pedras” (varejistas), que são espaços demarcados (2 por 3,5mts) em dois grandes pavilhões localizados na porção meridional dessa empresa. Normalmente os comerciantes varejistas são pequenos produtores rurais que comercializam seus produtos, mas muitos adquirem sua mercadoria também de atacadistas dentro da própria CEASA, a fim de darem uma contínua circulação ao seu comércio. As “Pedras” como são popularmente conhecidas, foram inicialmente implantadas na CEASA com o objetivo de eliminar os “atravessadores” entre o pequeno produtor e o cliente final. Todavia, atualmente há diversos negociantes que não mantêm mais essa característica, pois como se trata de um estabelecimento inaugurado no final da década de 1970, acabou por perder essa peculiaridade inicial devido a dinâmica capitalista.

Os três principais comerciantes de abacaxis observados têm aspectos semelhantes, sendo ajudados por familiares, esposas e filhos por exemplo. Esse tipo de mercado também é feito por outros negociantes que trabalham com diversos produtos, vendendo abacaxis normalmente por encomenda a outros estabelecimentos, mas não mantêm a mesma

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

regularidade semanal. O comerciante mais antigo nesse caso trabalha desde a década de 1980, e, o mais novo está no mercado da CEASA há pelo menos três anos.

A mão de obra empregada normalmente recebe mensalmente R\$1.200,00, tendo também registro em carteira de trabalho. Existem alguns trabalhadores diaristas, mas que são contratados principalmente nas terças e sextas-feiras, dia de maior fluxo comercial na CEASA. Foram entrevistados 10 trabalhadores que trabalham na descarga dos caminhões e entregas de abacaxis: 7 têm de 36 a 45 anos, 3 têm de 20 a 35 anos; em relação a escolaridade 4 possuem o ensino médio escolar completo, 5 não completaram o ensino fundamental e 1 está cursando o ensino superior.

Os compradores de abacaxis em sua grande maioria também são outros comerciantes que fazem a revenda em frutarias e supermercados tanto na cidade de Campo Grande quanto em outras do estado de Mato Grosso do Sul. Há também uma espécie de leilão virtual semanal em que algumas redes de supermercados adquirem os produtos com melhores preços, intensificando o comércio nos dias de terça e sextas-feiras. Na figura 7 podemos observar abacaxis que estão embalados em caixas prontos para serem entregues ao cliente, sendo que esse tipo de transporte é utilizado no interior do estabelecimento e pode levar 20 caixas ou até 400kg de produtos. Naturalmente os clientes vão até a CEASA e transportam sua própria mercadoria, mas dependendo da quantidade adquirida o vendedor pode realizar a entrega em outro local na área urbana de Campo Grande.

Figura 7 - Frutas para a entrega na CEASA/MS, 2016



Fonte: Santos, Johny Ferreira dos (2016)

De acordo com dados fornecidos pela administração da CEASA/MS, se considerarmos os dados atuais de comercialização do ano de 2015 de 1,290 mil toneladas do abacaxi tipo Pérola e seu valor médio de R\$50,00 a dúzia (com peso médio de 1,3kg por unidade), foram comercializados então R\$4.134.615,38, e, se utilizarmos o mesmo método com o comércio do tipo Havaí (com média de 1,7kg por fruto), levando em conta o valor médio de R\$46,44 para a dúzia de frutos, a soma geral comercializada de abacaxis em 2015 foi pouco mais de R\$15.000.000,00 milhões de reais.

Considerações Finais

Como pudemos observar, é possível que o comércio apenas de um tipo de produto movimente um fluxo financeiro interessante para o sistema capitalista, aquecendo e auxiliando na circulação do capital, pois, permite a sua contínua reprodução, uma vez que gera renda e lucro tanto para o produtor quanto para o comerciante final, apontando para uma relação dinâmica assim como nos circuitos espaciais da produção, Santos (2006). Possibilita ainda, o emprego de mão de obra tanto a cidadãos assalariados com o registro em carteira de

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

trabalho, mas também aos que por hora não possuem proventos, como é o caso dos trabalhadores do campo, dado a baixa temporada de alguns tipos de trabalho por exemplo. O próprio tipo de transporte necessita de insumos para seu deslocamento, tais como combustível, pneus, entre outros materiais utilizados na manutenção, e, que ajudam na geração de empregos aquecendo o comércio envolvido com o setor de transportes.

Em nossa análise, também foi possível perceber que no estado de Mato Grosso do Sul ainda é pequena a participação na produção de abacaxis destinada a CEASA, tendo que importar grande parte do total consumido anualmente, além de outros produtos. Todavia, com a perspectiva do plantio de cerca de 600 mil mudas em Paranaíba (MS) há tendência de diminuição do tempo da circulação do capital, da distância e do tempo de transporte do abacaxi até a CEASA, o que significa na adoção de novas estratégias logísticas tanto para o transportador como para a CEASA de Campo Grande (MS).

Esse artigo, através de sua análise, pretende contribuir com outros estudos mais aprofundados sobre a temática, pois constatamos que o comércio na CEASA/MS é dinâmico, com uma logística peculiar aos produtos que comercializa, gerando lucro e renda aos diversos indivíduos envolvidos, possibilitando também certa ascensão de classe social independentemente da conclusão ou não dos ciclos educacionais existentes, como é o caso dos comerciantes de abacaxis, por exemplo, evidenciando assim as relações sociais que são primordiais na dinâmica da circulação do capital, possibilitando sua contínua reprodução e consequentemente contribuindo para a (re)produção do espaço geográfico e modificações no território.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP). **Sistema de Levantamento de Preços (SLP)**. Disponível em:

<http://www.anp.gov.br/preco/prc/Resumo_Por_Estado_Municipio.asp> Acesso em: 03/12/2016.

BRASIL. **Decreto Federal nº 70.502, de 11 de maio de 1972**. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D70502.htm> Acesso em: 20/11/2016.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Produção Agrícola Municipal – Culturas Temporárias e**

Permanentes. Rio de Janeiro: 2013. Disponível em:

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/66/pam_2013_v40_br.pdf> Acesso em: 25/11/2016.

CRESTANI, M. et al. **Das Américas para o Mundo: origem, domesticação e dispersão do abacaxizeiro**. Ciência Rural, Santa Maria: v.40, n.6, 2010.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Abacaxi no Mundo – Desempenho da Produção Mundial**. 2016. Disponível em: <http://www.cnpmf.EMBRAPA.br/Base_de_Dados/index_pdf/dados/mundo/abacaxi/w21_abacaxi.pdf> Acesso em: 20/05/2017.

DELUZIO, Franklin. **Evento divulga variedade de abacaxi resistente a doenças na Bahia**. lhéus.net. Disponível em: <<http://www.ilheus.net/2017/04/evento-divulga-variedade-de-abacaxi-resistente-a-doencas-na-bahia.html>> Acesso em: 09/09/2017.

EMBRAPA. Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. **Abacaxi no Mundo - Produção Mundial**. 2016. Disponível em: <http://www.cnpmf.EMBRAPA.br/Base_de_Dados/index_pdf/dados/mundo/abacaxi/w1_abacaxi.pdf> Acesso em: 20/05/2017.

FGV. Fundação Getúlio Vargas. **Centro de Políticas Sociais**. Disponível em: <<http://cps.fgv.br/qual-faixa-de-renda-familiar-das-classes>> Acesso em: 22/05/2017.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas do Séc. XX**. 2007. Disponível em: <<http://seculoxx.ibge.gov.br/populacionais-sociais-politicas-e-culturais/buscar-palavra-chave/populacao>> Acesso em: 05/04/2016.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Taxa de urbanização**. 2007. Disponível em: <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=POP122>> Acesso em: 22/03/2017.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace . 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

MATO GROSSO DO SUL. **Centrais de Abastecimento S. A. de Mato Grosso do Sul**. Disponível em: <www.CEASA.ms.gov.br> Acesso em: 11/11/2016.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de **Modo capitalista de produção, agricultura e reforma agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

OMS. Organização Mundial Da Saúde. **Global Strategy on Diet, Physical Activity and Health**. 2002. Disponível em: <<http://www.who.int/dietphysicalactivity/publications/releases/pr84/en/>> Acesso em: 18/11/2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPO GRANDE. Instituto Municipal de Planejamento Urbano. **Perfil Socioeconômico de Campo Grande**. 21.Ed. 2014.

<https://periodicosonline.uems.br/index.php/GEOF/index>

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4.Ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia nova**. São Paulo: EDEDUSP, 2002.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sistema de Inteligência de Mercado - Boletim 2015**. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/64a8878c176e5103877bfd3f92a2a68f/\\$File/5791.pdf](http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/64a8878c176e5103877bfd3f92a2a68f/$File/5791.pdf)> Acesso em: 18/11/2016.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Sistema de Inteligência de Mercado - Boletim 2016**. Disponível em: <[http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3e48870e607bdcc4c945d4a81de6d689/\\$File/7265.pdf](http://www.bibliotecas.SEBRAE.com.br/chronus/ARQUIVOS_CHRONUS/bds/bds.nsf/3e48870e607bdcc4c945d4a81de6d689/$File/7265.pdf)> Acesso em: 18/11/2016.

SILVA JUNIOR, R. F. A Formação e a Constituição da Geografia da Circulação a partir das perspectivas de Friedrich Ratzel e Paul Vidal De La Blache. In: SILVA, M. R. (Org.). **Circulação, Transportes e Logística: diferentes perspectivas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SILVA, S.; TASSARA, H. Abacaxi. In: SILVA, S.; TASSARA, H. **Frutas no Brasil**. São Paulo: Nobel, 2001.

SILVEIRA, M. R. Geografia da Circulação, Transportes e Logística: construção epistemológica e perspectivas. In: SILVA, M. R. (Org.). **Circulação, Transportes e Logística: diferentes perspectivas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011.

SOUZA, J. S.; CARDOSO, C. E. L.; TORRES FILHO, P. (1999): Situação da cultura no mundo e no Brasil e importância econômica. In: CUNHA, G. A. P. da; CABRAL, J. R. S.; SOUZA, L. F. da S. (Org.). **O abacaxizeiro: Cultivo, agroindústria e economia**. Brasília: EMBRAPA Comunicação para Transferência de Tecnologia, 1999.

SOUZA, L. F. S.; REINHARDT, D. H. Abacaxizeiro. In: CRISÓSTOMO, L. A.; NAUMOV, A. (Org.). **Adubando para alta produtividade e qualidade: fruteiras tropicais do Brasil**. Fortaleza: EMBRAPA Agroindústria Tropical, 2009.

*Recebido em 15 de julho de 2017.
Aceito em 15 de agosto de 2017.*